



KEYSTONE

A imprensa ajudou a salvar as baleias...

O samba do crioulo verde

A cobertura de ecologia explodiu na imprensa, mas ainda falta seriedade e especialização

por Liana John



FLÁVIO CIRIO/ARRIL IMAGENS

...mas confundiu-se com as queimadas

A Amazônia é o pulmão do mundo. Esse conceito - que há anos habita as páginas dos jornais e a boca dos locutores de rádio e TV, em todas as línguas - é um erro de imprensa. Ou, pelo menos, é a versão que circula entre pesquisadores de Manaus: há uns 15 ou 20 anos, um naturalista alemão do Instituto Max-Planck veio visitar a Amazônia e teceu comentários a respeito da enorme atividade de fotossíntese observada na floresta. O tradutor traduziu mal, o repórter não entendeu bem e a frase virou manchete, entrando na história como uma das mentiras mais repetidas da ecologia mundial.

Se o caso é verídico ou não, é indiferente. A história cai bem para ilustrar o comportamento da imprensa verde no Brasil: sensacionalista, superficial, sem tempo para checar o que apura, sem o cuidado de refletir sobre o que escreve.

É inegável que, na última década, a cobertura de assuntos ecológicos cresceu exponencialmente. Muitas campanhas foram ganhas devido à divulgação de denúncias através da imprensa. O melhor exemplo de vitória é a suspensão mundial da caça às baleias, graças às fotos e filmagens dos ecologistas do Greenpeace e, aqui no Brasil, à ampla campanha em quase todos os veículos e na mídia publicitária.

Mas ainda faltam profundidade, continuidade, infra-estrutura e, sobretudo, especialização. De maneira geral, os jornais tratam melhor o assunto: abriram editorias de meio ambiente, têm páginas e suplementos especiais e até repórteres apaixonados pelo tema. Nas rádios, o crescimento também é visível: os programas ecológicos proliferaram em todas as frequências, dando viva voz a denúncias e, sobretudo, discussões de alternativas.

As televisões vêm se esforçando, embora o espaço ainda seja incerto e o resultado, às vezes, duvidoso. Já as revistas semanais não conseguem sair da retaguarda, sem profissionais ou editorias especiais, com matérias frequentemente confusas ou simplesmente compradas do exterior.

Apesar das falhas presentes, o cenário futuro é otimista. "Pelo menos já não aparece mais aquele repórter que sentava do lado da gente e perguntava: como é mesmo esse negócio de nuclear?", diz Fernando Gabeira, jornalista e militante-fundador do

Partido Verde, 48 anos, 31 de profissão. Segundo ele, tem havido uma preocupação maior em especializar jornalistas e um reconhecimento, por parte dos editores, de que ecologia é notícia.

“Mas a cobertura ainda é movida por preconceitos e fidelidade às teses oficiais e setores militares brasileiros”, observa Gabeira. A cobertura dos assuntos nucleares é típica: enquanto no mundo todo a imprensa estuda e se prepara para questionar, investiga e conta com consultores, no Brasil as coletivas são de passar vergonha. Como no caso da Amazônia, no acidente radiológico de Goiânia, por exemplo - os jornalistas geraram mais confusão do que informação.

E o assunto não precisa ser tão secreto quanto o nuclear. Ao divulgar a ameaça dos gafanhotos em Mato Grosso desde 1984, a grande imprensa limitou-se a repetir as teses oficiais, dando aval a uma pulverização aérea de agrotóxicos absurda, poluente e caríssima. Apenas as revistas especializadas em agricultura trataram o assunto com espírito crítico, naturalmente sem a mesma repercussão dos grandes jornais.

“Editores ignorantes” - *Lobbies* à parte, no fundo, isso é consequência do hábito de tratar meio ambiente como um departamento a mais nas redações. “Muitos ainda não enxergam que muda o tratamento de todos os assuntos - comportamento, economia, política - quando se passa a ver a ecologia como uma questão planetária, de sobrevivência do ambiente e de toda a humanidade”, defende Fernando Gabeira.

Embora já não sejam tão raros os repórteres bem-informados e formados com essa visão - de uma ecologia mais científica e planetária -, isso ainda não chega ao público. Tal postura encontra antes a resistência de quem edita e decide pautas, de jornalistas formados para escrever sobre política, economia, esporte e ponto final.

“Os editores são ignorantes, muito ignorantes”, reclama Nivaldo Manzano, 46 anos de idade e 24 de um jornalismo apaixonadamente dedicado à ecologia. Na hora de decidir o que entra na primeira página, na capa ou na manchete, ou mesmo o que cortar de uma matéria quando falta espaço, os editores acabam empobrecendo o que foi apurado pelo repórter.

Em outros casos, a dificuldade é



KEYSTONE



JOEL ROCHA/ABRIL IMAGENS



NANI GOIS/ABRIL IMAGENS

Radiação em Goiânia, poluição do ar e agrotóxicos na lavoura: um festival de erros e desinformação

perceber a importância da notícia, por resistência pura e simples ao tema. No dia da morte do seringueiro Chico Mendes, discutiu-se o espaço a ser atribuído à notícia na redação de *O Estado de S. Paulo*. A decisão foi de incluir a matéria no meio do noticiário nacional, sem muito destaque. No mesmo dia, *The New York Times* deu primeira página e um editorial e toda a Europa falou na morte do defensor da floresta amazônica. O *Estadão* só recuperou terreno na edição seguinte, na esteira da imprensa do Primeiro Mundo.

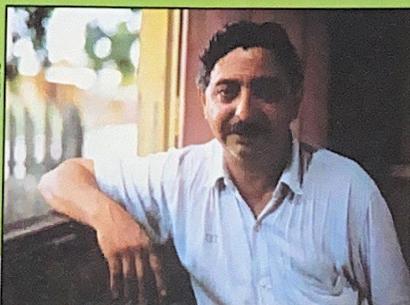
Mesmo quando os editores são os jornalistas especializados e decidem sobre o próprio espaço, às vezes ainda há uma delicada barreira a transpor: a censura interna. Num dos debates promovidos no programa *Nova Terra*, da *Rádio Universidade de São*

Paulo (USP), o físico convidado defendia que a poluição não estava diminuindo em São Paulo, como divulgava então uma ampla campanha da Cetesb, o órgão estadual responsável pelas medições. O editor do programa, Eugênio Monteiro de Araújo, foi convidado pela universidade a abrandar o debate, ou, pelo menos, mudar a chamada que anunciava o programa. “Não concordamos e, como o programa tem autonomia financeira, eles acabaram respeitando”, conta Araújo.

A censura às vezes também vem indiretamente, devido à pressão de empresas ou órgãos que sejam, ao mesmo tempo, anunciantes e poluidores. Ou simplesmente poluidores com uma eficiente assessoria de imprensa, que procura convencer o jornalista dos seus pontos de vista, senão por argumentos lógicos, pelo menos por cansaço.

A campeã em telefonemas, segundo a opinião quase unânime dos jornalistas especializados, é a Andef, Associação dos Produtores de Defensivos Agrícolas. Sua assessoria de imprensa possui um radar infalível, ca-

Chico Mendes: caso minimizado



DENSE ZMEKH/ABRIL IMAGENS



ANDRÉ PENNER/ABRIL-IMAGENS

Desmatamento: trauma no INPE

“É repórter? Não estou.”

A falta de preparo dos repórteres para entrevistar os cientistas hoje ligados ao meio ambiente tem obrigado algumas secretárias a mentir. Já não são raros os pesquisadores que se recusam a atender jornalistas ao telefone, sobretudo se o repórter quer apenas uma rápida declaração.

O biólogo Keith Brown, da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, é um dos casos extremos. “Devido a deturpações do meu trabalho, nunca conversei com jornalistas, nem mesmo para uma matéria dirigida a jornalistas”, disse Brown, ao ser pego de surpresa ao telefone. “fico até com calafrios, só de falar com você, se quiser diga isso.”

Menos radical, o engenheiro Alberto Setzer, do Instituto de Pesquisas Espaciais, INPE, confessa que restringe seus contatos com jornalistas e atende apenas aqueles que, a seu ver, têm um trabalho sério. Setzer faz o levantamento das queimadas na Amazônia via satélite, um assunto que desde 1987 colocou centenas de jornalistas atrás de suas informações. Ele divide os jornalistas entre os que procuram apenas a controvérsia e aqueles que tratam do fato em si. “Cabe ao jornalista ir mais a fundo, tratar o assunto cientificamente, mostrar onde estão os dados e quem é a fonte”, pondera.

É o que fizeram, no ano passado, os jornalistas do *The New York Times* e da *BBC* de Londres, em matérias sobre as queimadas: “Passei por um verdadeiro interrogatório até demonstrar a seriedade dos meus dados. Só o editor do *NYT* me telefonou pelo menos 10 vezes para esclarecer dúvidas, e eu acho que esse é o caminho”.

paz de detectar a palavra agrotóxico em qualquer materinha de rodapé. O jornalista responsável passa então a ser convidado para almoços e entrevistas, onde se procura demonstrar que defensivos agrícolas é uma expressão bem melhor que agrotóxicos.

Às vezes eles convencem, às vezes embarcam seus pontos de vista na falta de organização e infra-estrutura da imprensa verde. “Nós somos desorganizados, nunca tivemos sequer um encontro de jornalistas que cobrem a área”, argumenta Paulo Motta, 30 anos, oito de profissão, editor de meio ambiente de *O Globo*. “De certa maneira, refletimos a situação das nossas fontes, do movimento ecológico brasileiro, que não tem uma federação e se divide em vários matizes de verde”, diz.

O presidente do SOS Mata Atlântica e diretor da *Agência Estado*, Rodrigo Lara Mesquita, concorda: “De certa forma, os jornais refletem o que acontece na área de meio ambiente, onde há mais preocupação com a controvérsia do que com o fato em si”. Na sua opinião, a maioria dos jornalistas tem esquecido que “nossa missão específica é informar para que a opinião pública chegue a conclusões, e não concluir por ela”.

A opinião de Mesquita bate com a queixa mais ouvida, ultimamente, no Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE), responsável pelo cálculo do desmatamento real da Amazônia com base em imagens de satélite. Segundo o diretor-geral, Márcio Nogueira Barbosa, “a imprensa tem se preocupado mais em identificar conflitos e não em esclarecer detalhes técnicos”.

Criadores de controvérsias - A *Folha de S. Paulo* é citada por Barbosa como o jornal da controvérsia, por ter insistido nas denúncias de que os dados levantados pelo INPE não cor-



Greenpeace tem uma imprensa muito ativa

respondiam ao desmatamento real da Amazônia. “A *Folha* não tem enviado jornalistas preparados para a cobertura de assuntos de razoável complexidade”, comenta o diretor do INPE. “E o resultado é um desgastante processo de dar esclarecimentos adicionais e grandes confusões para quem está lendo.”

A mais recente pesquisa do *Listening Post*, feita pela agência de propaganda Standard, Ogilvy & Mather, confirma as impressões do diretor do INPE. A pesquisa é feita pelo telefone e serve de termômetro para o interesse geral do público em relação a assuntos econômicos e de consumo. Nesse mês de abril foi incluída uma pergunta aberta sobre a Amazônia para o público dar a opinião que desejasse.

“Foi uma das perguntas mais difíceis de tabular na história do *Listening Post*”, conta Roseli Azambuja, da Standard. “As respostas foram tão diversificadas e divergentes que demoramos até para achar um padrão de tabulação.” Embora confuso, o público pesquisado demonstrou alto grau de interesse no assunto: 74% das 800 pessoas entrevistadas declararam ter muito interesse na discussão da Amazônia. O índice só perdeu em importância para a discussão sobre salários (86% muito interessados), mas foi maior do que o obtido pelo congelamento de preços (54%), déficit público (48%) e intervenção do governo na economia (46%).